

Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos, de Alves Redol, ou uma história de infância para gente crescida

SARA REIS DA SILVA
Universidade do Minho

Para o Anxo,
guardador de palavras e de amigos

Álvaro Cunqueiro (1911-1981), escritor a quem Anxo Tarrío Varela dedicou assinalável atenção crítica e reflexiva (Tarrío Varela, 2014), nasceu em 1911, em Mondoñedo (Galiza). Neste mesmo ano, nasceu, em Vila Franca de Xira, na região do Ribatejo, Alves Redol (1911-1969), um dos representantes mais importantes do Neo-realismo português, além de exemplo de resistência cívica ao fascismo salazarista (Lopes, 2008). Desconhecemos se estes dois autores cimeiros de duas literaturas irmãs, com escritas tão diversas, aliás, alguma vez se cruzaram. Essa proximidade não somos, pois, capazes de assinalar. Há, porém, outras que poderão emergir da leitura das suas escritas e talvez algumas das mais relevantes sejam precisamente a presença de animais em ambas as obras e, muito particularmente, uma ficcionalização que, de contornos realistas, restringe quase sempre o espaço ficcional ao âmbito rural ou suburbano, como regista Tarrío Varela (2014, pág. 47 e ss.), a propósito da obra do supracitado autor galego, e como sobre Redol sugerem Saraiva e Lopes (1987), quando, aludindo à sua pretensão documental, o apelidam de «observador escrupuloso» (Saraiva e Lopes, 1987: 1087).

Alves Redol é reconhecidamente um dos maiores vultos da literatura portuguesa do século XX e o seu primeiro romance, *Gaibéus* (1939), lança o Neo-realismo no panorama cultural português. No conjunto da sua relevante obra, destacam-se meia dúzia de títulos de preferencial recepção infanto-juvenil e cuja leitura, mesmo em contexto escolar, tem vindo a ser promovida, designadamente pela inclusão de alguns deles nas listas de leituras obrigatórias para o domínio da Educação Literária, constantes no documento das *Metas Curriculares de Português para o 1º ciclo do Ensino Básico*.

Uma das mais lidas talvez continue a ser *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*, um clássico da literatura infanto-juvenil portuguesa¹, como,

¹ Esta obra foi originalmente publicada, em 1962, pela Portugália Editora, com várias fotografias incluídas da autoria de Alves Redol e António Neto. Neste estudo, recorreremos à 20ª

em outro lugar (Ramos, Gomes e Silva, 2015), tivemos a oportunidade de assinalar, que veio a lume em 1962, depois de *A Vida Mágica da Sementinha* (1956) e antes dos livros da série «A Flor» (1968-70): *A Flor Vai Ver o Mar* (1968), *A Flor Vai Pescar num Bote* (1968), *Uma Flor Chamada Maria* (1969) e *Maria Flor Abre o Livro das Surpresas* (1970).

São estes títulos que mereceram a atenção da (escassa) historiografia literária da escrita portuguesa para a infância que, assim, tem deixado registado o lugar ímpar de Redol na literatura que tem na criança o seu destinatário preferencial. Natércia Rocha (2001), por exemplo, assinalou a edição do primeiro trabalho do autor em questão, *A Vida Mágica da Sementinha (Breve História do Trigo)* (1956), explicitando o seguinte: «De intenções assumidas, o texto resulta numa história fascinante vincada pelo humor e pela vivacidade que irão reaparecer em novos trabalhos de Alves Redol nos anos seguintes» (Rocha, 2001: 89). Acrescenta, ainda, algumas considerações acerca da série de quatro livros seguintes, que possuem como denominador comum Flor, para, de seguida, tecer o seguinte comentário sobre a obra que, neste breve estudo, nos ocupa: «Também deste período é outra obra de Alves Redol, *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*, os sonhos de um garoto da beira-Tejo a quem as realidades chicoteiam e a fantasia acarinha» (idem, *ibidem*: 94). Por seu turno, José António Gomes, sobre esta mesma narrativa, escreve: «Alves Redol publica *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos* (1962), mostrando um novo herói infantil, arguto e aventureiro, por vezes rebelde e questionador, cujas fantasias têm raízes em vivências rurais concretas» (Gomes, 1997: 36).

Por todas as razões aqui implícitas ou explícitas, decidimos voltar a ler, neste texto de homenagem a um leitor que muito estimamos, Anxo Tarrío Varela, essa obra absolutamente imprescindível da literatura portuguesa que é, como sugerimos, *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*.

Regressar a *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos* é regressar a um relato que tem no seu centro uma infância, em certa medida, bastante distante da de muitos leitores infanto-juvenis da actualidade portuguesa. Com efeito, ser, como Constantino Cara-Linda, protagonista da obra em análise,

edição, vinda a lume em 2002, com a chancela da Editorial Caminho, na colecção «De Par em Par». Este título decorre da opinião de Álvaro Salema (1980), corroborada por Violante F. Magalhães (2009), que reside no facto de *Constantino* se afigurar, em larga medida, como uma «história de menino para gente crescida» (Salema, 1980: 81).

rei de ninhos, «passareiro» (Redol, 2002: 37) ou «grão-senhor de meio cento de ninhos» (idem, ibidem: 36), por exemplo, e respirar natureza talvez seja cada vez mais raro para as crianças do presente. Aliás, (a proximidade com) a natureza é uma das isotopias mais relevantes da narrativa em pauta e o discurso que em seu torno é tecido na obra, pelo sensorialismo, pela plasticidade e pela poeticidade que o pautam, vale bem uma revisitação, como se poderá comprovar, por exemplo, em segmentos como o seguinte:

Não havia agulha de pinheiro, folhica de silvedo, tronco de oliveira ou qualquer sinal de vida ao ar livre que não ressumasse gotas de orvalho, muitas, e todas de cristal, onde os alvares da manhã vinham iriar num festim de pequenas luminárias. Mal acordou, a passarada largou-se numa cantoria de trinados e assobios, enquanto devassava moitas, hortos e ramarias (Redol, 2002: 33).

Mas esta é uma pequena novela que guarda em si muito do que emoldura a vida da criança (aliás, é a infância o seu motivo literário fundamental), aqui recriada num discurso cuidado, vivo e envolvente², que surpreende e prende a atenção, por exemplo, pela riqueza e variedade lexical e pelas suas metáforas, muitas vezes, duplas, como se observa em passagens como as referentes à irmã da personagem principal: «a irmã, branca e loira» / «os seus olhos negros e tristes» (idem, ibidem: 16). A vivências simples e lúdicas, como andar aos peixes —veja-se, por exemplo, no capítulo «trabalho e lazer», uma dessas aventuras, partilhada com Salamim— ou aos pássaros e os jogos (do pião, por exemplo) de Constantino, muitas vezes acompanhado por Manel, o seu melhor amigo, ou por Salamim, «outro bom companheiro» (idem, ibidem: 86), aliam-se outras mais dolorosas ou duras como a escola, o trabalho³ ou as carências do mundo rural, sentidas pelo pequeno herói, notas de uma vida bem diferente da desses meninos de Lisboa, amigos de Verão, que «trazem bolas de borracha, camas de pendurar no pinhal e bicicletas de duas rodas compainha e tudo» (idem, ibidem: 43). O espanto, a surpresa ou o deslumbramento, que pontuam a existência infantil, ganham aqui corpo e alma no protagonista Constantino. E a estes juntam-se naturalmente a capacidade imaginativa —«Mas a cabeça do Constantino

² Cf. «O nosso passareiro também não aparentava grande calma, diga-se aqui entre nós, que somos seus amigos» (Redol, 2002: 37).

³ Embora Constantino preferisse o trabalho rural à escola e a estar fechado entre quatro paredes.

não parava de imaginar delícias» (idem, *ibidem*: 36)—, o sonho (sendo o maior do protagonista a construção um barco e ser serralheiro⁴) e tudo o que deste resulta. E é, como escreve Anabela Figueiredo, com a ajuda da natureza que Constantino idealiza o futuro (Figueiredo, 2005: 125).

Arquitectada em duas partes —«Um cuco rambóia» e «Um cuco laborioso»—, subdivididas em capítulos correspondentes a episódios breves, a narrativa situa-se em Freixial —pequena «aldeia saloia» e *topos* real onde viveu «Constantino Cara-Linda», vizinho e amigo de Redol e que lhe serviu de inspiração —, e desenvolve-se naturalmente em torno do menino em causa, essa «radiosa personagem infantil» (Magalhães, 2008: 14), mas também com a presença significativa da sua família, a irmã Ana Maria, o pai Silvestre Cara-Linda, que possui a alcunha de Cuco, a mãe Maria Cantigas, a avó Ti Elvira e, ainda, de outras personagens com as quais interage, como o amigo Manel e outras crianças que povoam a obra ou a professora com quem a sua relação (como a dos outros meninos) é tudo menos pacífica. Estas personagens, com a companhia de várias outras do universo animal (como os cães Tunante e Rasteira, a vaca Mimosa ou a vasta passarada que é do conhecimento profundo do protagonista), compõem uma inesquecível galeria, que se distingue pela simplicidade e pela genuinidade, e contribuem para a própria revelação e maturidade desse rapazinho ladino e sempre pronto para a aventura e para contar ou a ouvir uma boa história⁵.

Constantino é, pois, uma das mais memoráveis figuras da literatura portuguesa, um representante da infância, sempre dividido entre as «viagens sonhadas» e as viagens reais e físicas, imparável e muito ciente de que «o verdadeiro tamanho de um homem se mede pelo coração e pelas obras» (Redol, 2002: 116). E a nós, leitores, apetece-nos apenas ficar à espera que amanhã chegue, porque «Amanhã mesmo, ele vai continuar a construir o seu barco. Já o meteu no estaleiro do coração, conhece-o de cor, e o resto é fácil...» (*ibidem*: 116). Com Constantino, permaneceremos nós e, com toda

⁴ Cf. «Quer chegar a serralheiro de navios, há-de construir alguns que deitem fumo, desses que aguentam com o povo inteiro do Freixial. Não conhece ofício mais bonito!... (...) Vive para esse grande e único sonho, nascido à vista do Tejo, quando o levaram a Lisboa pela primeira vez. Constantino sente-se investido na dignidade de guardador desse sonho. E sabe que o passará inteirinho para as suas mãos» (*ibidem*: 115).

⁵ Cf. «Ele sabia que a irmã se deliciava com as suas fantasias (...) a Ana Maria ouvira-lhe já a história do toiro azul e dissera na escola que a dele era ainda mais bonita do que a da avó» (*ibidem*: 40).

a certeza, também o nosso amigo, ele mesmo um grande sonhador, Anxo Tarrío Varela.

Bibliografia

- Figueiredo, A. (2005): *A Obra de Alves Redol para Crianças*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses Interdisciplinares, Coimbra: Universidade Aberta.
- Gomes, J. A. (1997): *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*, Lisboa: MC-DGLB.
- Lopes, J. M. (2008): «Na Morte de Alves Redol» em *Os Anos de Salazar - 1970 Marcha Fúnebre*, nº 26, s./l. Planeta DeAgostini, pp. 162- 169.
- Magalhães, Violante F. (2009): *Sobressalto e Espanto. Narrativas Literárias sobre e para a Infância, no Neo-realismo Português*, Lisboa: Campo da Comunicação.
- Ramos, A. M., J. A. Gomes e S. Reis da Silva (2015): «Das dores e alegrias da infância - Uma leitura de Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos» em B.-A. Roig Rechou et. al. (coords.), *Retorno aos Clássicos. Obras imprescindíveis da narrativa infantil e xuvenil*, Vigo: Xerais, pp. 379-384.
- Redol, A. (2002²⁰): *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*, Lisboa: Caminho.
- Rocha, N. (2001): *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal (Nova edição actualizada até ao ano 2000)*, Lisboa: Caminho.
- Salema, Á. (1980): *Alves Redol - A obra e o homem*, Lisboa: Arcádia.
- Saraiva, A. J. e Ó. Lopes (1987¹⁴): *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto Editora.
- Tarrío Varela, A. (2014): *Álvaro Cunqueiro o los disfraces de la melancolía*, Porto: Tropelias & Ca.